

ABANNE
SÃO LUÍS – JULHO DE 2003

GT 18: "Patrimônios, Memórias e Diversidade Bio-Cultural".

Texto: O Patrimônio no Imaginário Social Brasileiro

Autor: Prof. Dr. Alexandre Fernandes Corrêa – Adjunto Antropologia UFMA-GTEP

Comunicação Oral:

Num breve texto pretendo apresentar alguns aspectos teóricos e práticos desenvolvidos a partir da pesquisa que realizo no Bairro do Desterro no Sítio Histórico de São Luís do Maranhão que, como todos sabem, foi inscrito na Lista da UNESCO, como patrimônio cultural da humanidade em 1997. Nesse texto, delinheiro alguns tópicos analisando as transformações recentes da noção de patrimônio na sociedade brasileira contemporânea¹.

No bairro de Desterro venho coletando dados empíricos há alguns anos. Passando pela sua história e memórias do passado até seu perfil contemporâneo, em conflito com a modernidade avassaladora. Atualmente analiso fotos coloridas e em preto e branco produzidas no local, com o objetivo de caracterizar as percepções audiovisuais que se fazem do patrimônio coletivo. Temos a felicidade de encontrar neste conjunto de construção civil – habitada por famílias de pescadores, ou de descendentes de pescadores da Baía de São Marcos, além de famílias ligadas a história do baixo meretrício – um acervo raro de memórias sociais da gente humilde ainda residente no Sítio Histórico de São Luís. Personagens que de fato “preservaram”, de maneira improvisada e não-técnica, o casario e a vizinhança do bairro. Estes saberes locais e populares são os objetos de reflexão deste texto.

A noção de patrimônio

Como se sabe, a noção de patrimônio geralmente está presa ao significado econômico e é reconhecida e usada freqüentemente limitando-se ao campo da disputa por espólio ou herança familiar, ou ainda de negócios da empresa ou do estado. Desse sentido, comumente mais difundido, desenvolveu-se e alastrou-se incorporando significados jurídicos ligados a propriedade ou ao conjunto de bens e valores de diferentes instituições sociais.

A noção de patrimônio após transformações significativas desde o início do século XX se expandiu pela área artística e a arquitetura, posteriormente difundindo-se intimamente vinculada à idéia de monumento histórico, especialmente na sociedade ocidental. Atualmente observamos metamorfoses

¹ Tema desenvolvido com mais propriedade no livro *Vilas, Parques, Bairros e Terreiros* (Corrêa; 2003).

² Palavra *patrimônio* vem do latim *patrimontu*.

que ampliam ainda mais o domínio desta noção, ao menos no contexto dos idiomas neo-latinos. Percebemos seu uso alastrando-se por diversas áreas do conhecimento humano como a genética, o meio ambiente, a linguagem, o folclore, os saberes tradicionais e assim por diante.

Percebemos neste caminho que o domínio da reflexão sobre a noção de patrimônio invoca atualmente uma postura transdisciplinar, pois a idéia de patrimônio se funda numa estrutura simbólica de múltiplas dimensões e transversalmente mais profunda, resistindo a qualquer reducionismo simplista³.

Considerando o vasto domínio que a noção hoje abarca, procuramos através de uma perspectiva antropológica, compreender as transformações desta noção; especificamente no senso comum popular, isto é, pretendemos perceber como a população e o cidadão comum tem representado estas mudanças como tem assimilado estas variações semânticas – quando chega a sofrer alguma influência ou impacto de políticas culturais. Essa perspectiva é domada sempre em diálogo com as concepções oficiais e eruditas sobre o patrimônio.

Com esse objetivo implementamos uma pesquisa empírica que através de entrevistas e de registros videográficos e fotográficos, busca apreender, nos moldes de uma etnografia regional urbana, as formas de percepção popular daquilo que se convencionou chamar de patrimônio cultural e histórico, especialmente no sítio histórico de São Luís.

O foco principal desta análise se dá no contexto regional das formulações de políticas culturais na área preservacionista da capital maranhense. Cumpre afirmar que esta pesquisa não se limita apenas a uma interpretação dos significados populares da noção de patrimônio cultural ou coletivo através de imagens. Ao contrário, trata-se de uma reflexão sobre tema intimamente vinculado ao da cidadania cultural, dos direitos culturais e dos direitos difusos; formulados a partir da Constituinte de 1988.

O trajeto desta pesquisa implica num engajamento efetivo no ambiente social e cultural, pois não se limita apenas a um esforço interpretativo e compreensivo. Levando em conta a possibilidade de uma ação-cultural prospectiva, constatamos a necessidade emergencial de se articular um novo investimento coletivo nas memórias sociais – especialmente as que resistem, ainda marginais, a lógica cultural dominante (Jeudy;1990).

O cenário geral que se esboça hoje, apesar de repleto de conformismos de toda ordem (ver Castoriadis;1992;2002 & Vázquez Montalban;1995), parece demandar um debate franco sobre um novo gerenciamento político do teatro das memórias, tanto naturais como sociais. O tema da exclusão da maioria da população brasileira do processo econômico-social repercute inevitavelmente nas políticas de preservação e promoção dos valores culturais nacionais e regionais. Deste modo, adentrando no domínio

³ Como é um conceito produzido em campo multidisciplinar convém estabelecer uma perspectiva transdisciplinar para atingir um meta-ponto-de-vista – como nos propõe Edgar Morin (1992;1993).

mais específico da política cultural, propomos aqui estimular uma reflexão crítica e democrática sobre as políticas públicas na área do patrimônio cultural e da memória social em nosso País.

Objetivos desta Comunicação

O objetivo desta comunicação é analisar qual a percepção, ou quais as percepções, que a população tem das políticas oficiais que são implementadas em nome da preservação dos patrimônios culturais e históricos, transformados em símbolos da identidade regional maranhense, especialmente em São Luís. Este trabalho é um esforço no sentido de desenvolver uma percepção mais precisa sobre o que o brasileiro comum pensa sobre o que é designado como patrimônio cultural e natural. Incorporando as noções constitucionais de direitos difusos, direitos culturais e ambientais, tentamos aqui superar uma visão ainda restrita e curta sobre o que o povo pensa e sente sobre o que se está fazendo em seu nome na área das políticas culturais patrimonialistas.

Para tal, escolhemos um caminho não-convencional para realizar esta tarefa. Tratamos de um procedimento etnográfico que se auxilia no contato direto com pessoas que não estão ligadas a execução das políticas preservacionistas oficiais, i.é., priorizamos o contato direto com a população leiga e seu ambiente sócio-cultural. Em suma, procuramos contatar e interpelar não-especialistas e sem erudição no tema, buscando a vivência no cenário concreto onde são executadas as políticas de restauração e revitalização cultural no sítio histórico.

No exercício do trabalho crítico aflorou o caráter local das lutas e enfrentamentos no campo do patrimônio. Através do método genealógico esboçado por Michel Foucault, pretendemos delinear as linhas de força dos saberes sobre o patrimônio. No embate entre os saberes eruditos e científicos de um lado e os saberes locais de outro, desejamos identificar os vestígios de uma verdadeira <insurrección de los saberes sujetos>, como escreveu Foucault:

“He aquí, así delineada, lo que se podría llamar una genealogía: redescubrimiento meticoloso de las luchas y memoria bruta de los enfrentamientos. Y estas genealogías como acoplamiento de saber erudito y de la gente solo pudieron hechas con una condición: que fuera eliminada la tiranía de los discursos globalizantes con su jirarqui y todos privilegios de la vanguardia reórica. Llamamos pues <genealogía> al acoplamiento de los conocimientos eruditos y de las memorias locales: el acoplamiento que permite la constitución de un saber histórico de las luchas y la utilización de este saber en las tácticas actuales” (Foucault: S/D: 16).

O modo de abordagem da pesquisa

O modo de abordagem da pesquisa se dá através de interpelação direta e verbal, com auxílio de equipamentos fotográficos e videográficos, que ajudam na configuração de uma percepção sensível do que é o patrimônio para estes cidadãos. Através da apresentação de fotografias, imagens em vídeo,

cartões postais e etc, buscamos um diálogo com o cidadão, no sentido de procurar configurar uma percepção plástica e sociológica – ainda que espontânea – das práticas preservacionistas oficiais⁴.

O método que utilizamos, ou melhor, nosso “modo de trabalhar”, segue algumas técnicas de pesquisa de campo utilizadas pela etnografia tradicional, contudo recorreremos especialmente a alguns procedimentos da chamada *etnometodologia* (Coulon;1995). Sucintamente referidos os tópicos básicos desta postura metodológica podem ser identificados como: 1. A postura de “indiferença etnometodológica”; 2. A provocação experimental; 3. A etnografia constitutiva e sociologia qualitativa. Neste último ponto destaco a estratégia básica da pesquisa que é identificado no termo “tracking” que, em poucas palavras, consiste em:

“Pôr-se à espreita” (tracking)[.] é um dos traços da observação participante. Isto consiste em observar o maior número de situações possíveis no decorrer da pesquisa de campo. Pela “espreita”, o pesquisador tenta ver aquilo que o sujeito vê. (...). A “espreita” etnográfica é uma solução para o problema da posição do observador face à diversidade dos comportamentos sociais. Permite não apenas observá-los, mas também descobrir o que os participantes dizem nesse respeito. Naturalmente, supõe-se aqui que o pesquisador possa deslocar-se livremente no interior de seu campo de pesquisa (Coulon;1995:91).

A partir da delimitação do campo empírico de atuação da pesquisa, tratamos objetivamente de perscrutar as vicissitudes e práticas referentes às políticas de cultura no sítio histórico de São Luís. De modo sucinto: desejamos observar o que o cidadão vê, o que ele pensa e o que sente destas intervenções oficiais no seu ambiente social cotidiano.

Através de recursos audiovisuais, apontados acima, buscamos uma aproximação “ombro a ombro” com o cidadão comum: indivíduo que vive e habita num cenário histórico objeto de políticas oficiais federais, estaduais e municipais de patrimonialização. Nessa pesquisa sobre a construção social da imagem procuramos utilizar alguns recursos desenvolvidos pela Antropologia Audiovisual. Trata-se de um exercício etnográfico em buscar do olhar não-espetacular, do olhar não treinado em teorias, em suma, do olhar ingênuo do cidadão. É o olhar do cotidiano, que está em foco aqui: uma visão rotinizada e não-espetacularizada do mundo⁶.

Considerações Finais

Num sentido mais técnico, o que se pretende com esta pesquisa – que ainda não tem resultados conclusivos – é fazer um exercício de antropologia do não-espetacular, do não cerimonial; uma

⁴ Detalhes sobre os procedimentos videográficos implementados, ver o projeto *Percepções do Patrimônio* (Corrêa;2002).

⁵ Até o momento temos trabalhado com recortes de jornais locais, acervos fotográficos e videográficos, documentos oficiais e registros literários: poesias, contos, romances, prosa, memórias, etc. (Assis Brasil; 1994 & Chagas; 1999 & Reis; 2002) Entrevistas com personagens políticos e comunitários, entre outras pessoas que vivem no sítio histórico.

⁶ A proposta deste trabalho é realizar uma exposição comunitária sobre as memórias fotográficas dos moradores do bairro Desterro. Trata-se de uma exposição que recolherá fotos dos próprios acervos individuais e familiares dos habitantes do bairro e vizinhança. Estas fotos e imagens serão expostas no pátio de um prédio restaurado no bairro na rua da Palma.

antropologia dos aspectos não-carismáticos da realidade social ludovicense no sítio histórico. Como pode ser observado nos slides apresentados, propomos, se nos permitem utilizar a expressão, de uma *antropologia da surpresa e do espanto*, uma etnografia do olhar espontâneo, não treinado e desespecializado do cidadão comum.

Freqüentemente observamos que o sítio histórico é freqüentado por diferentes tipos sociológicos: turistas nacionais e estrangeiros, casais de namorados, boêmios, prostitutas, meninos de ruas, desempregados, funcionários, comerciantes, etc. Porém, são nos momentos de festa e de rituais coletivos do tipo Carnaval e São João que temos uma grande afluência de fotógrafos, cinegrafistas, etc. Todos em busca do registro do momento “carismático”, festivo e espetacular. Observamos também que existem muitos registros fotográficos (cartões postais) do sítio histórico em que este aparece vazio, desabitado, fantasmagórico: momento em que se quer, tão somente, o registro da arquitetura dos prédios e do desenho das ruas (registro do monumental e da excepcionalidade da paisagem). Neste instante tem-se o registro do espetacular no imóvel, no vazio de pessoas e acontecimentos: a cenografia petrificada no tempo. Destaca-se assim a raridade e a singularidade do cenário e da paisagem histórica (o mesmo ocorre no sítio histórico da cidade de Alcântara).

Neste trabalho, procuramos o oposto. O exercício aqui é de registrar o cotidiano, a vida, o momento não-carismático, não-espetacular: o dia-a-dia das pessoas nos seus afazeres, saberes e dizeres.

Busco assim o registro das “estruturas inerentes às rotinas do mundo cotidiano”. De um modo geral, como escreveu Roberto da Matta (1977) no texto *Carnaval como rito de passagem* em brasileiros preferem “sempre dar a maior ênfase possível aos aspectos carismáticos” de sua ordem social, deixando de lado o seu lado estrutural”.

Esta pesquisa é uma tentativa de exercício etnográfico em busca de uma “face não-gloriosa” da vida. Uma tentativa de apreensão da expressão do vivo, contagiante e múltiplo espelho da vida cotidiana. Neste trajeto, caminhamos no labirinto arquitetônico urbano e humano do sítio histórico de São Luís, em busca do sentido fugidio e ambíguo das horas e afazeres cotidianos.

Por enquanto, gostaríamos de apresentar estas palavras sobre a pesquisa. Ainda estamos nos primeiros passos de uma compreensão do material que está sendo coletado até o momento. Agradeço a atenção generosa. Saudações antropológicas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola. 1996
 _____. *A transparência do mal*. São Paulo: Papyrus; 1992
 BRASIL, Assis. *A poesia maranhense no século XX*. São Luís: Sioge/Imago, 1994
 CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto: V.4*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992

- _____. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância V.3*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: FAPESP. 1999
- CORRÊA, Alexandre F. *Projeto Videográfico Percepções do Patrimônio*. São Luís: FUNC, 2003
- _____. *Vilas, parques, bairros e terreiros*. São Luís: EDUFMA. 2003
- DAMATTA, Roberto. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes. 1977
- FOUCAULT, M. *Genealogía del racismo*. Buenos Aires: Altamira. S/D.
- GRUZINSKI, Serge. *La guerra de las imágenes*. México, D.F.: FCE. 1995
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias sociais*. Rio de Janeiro: Forense. 1990
- KOURY, Mauro G.P. *Imagem e memória*. Rio de Janeiro: Garamond. 2001
- MANTECÓN, Ana R. *Las jerarquías simbólicas del patrimonio*. In: www.naya.org.ar. 2002.
- MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. Seleta: Rio de Janeiro. 1970
- MARTINS, Ananias Alves. *São Luís: fundamentos do patrimônio cultural*. São Luís: SANLUIZ, 1999
- MATTA, Roberto A. da. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MEIRELES, Mário Martins. *História do Maranhão*. Rio de Janeiro: DASP. 1960
- MORAES, Jomar. *Guia de São Luís do Maranhão*. São Luís: Legenda. 1989
- MORIN, Edgar. *O método IV: as idéias*. Lisboa: Europa-América. 1992
- _____. *Terra-pátria*. Lisboa: Instituto Piaget. 1993
- NEVES, Luís F. Baeta. *A construção do discurso científico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998
- PIANZOLA, Maurice. *Os papagaios amarelos*. São Luís: Alhambra. 1992
- REIS, José Ribamar S. dos. *ZBM: O reino encantado da boêmia*. São Luís: Lithograf, 2002
- RIVIÈRE, Claude. *As Liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago. 1989
- RODRIGUES, José C. *Ensaio de antropologia do poder*. Rio de Janeiro: Terra Nova. 1991
- SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec. 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A queda do angelus novus*. In: Novos Estudos CEBRAP. N?. 47. São Paulo. Março 1997
- UNESCO. *Convention du Patrimoine Mondial*. Bureau du Comité du Patrimoine Mondial. *Évaluation des Biens Culturels*. ICOMOS. Paris (France). 1997
- VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel. *Manifesto do Planeta dos Macacos*. São Paulo: Scritta. 1995
- VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão 1612-1895*. São Luís: Associação Comercial, 1954